

LINGUÍSTICA POPULAR – A LINGUÍSTICA ‘FORA DO TEMPLO’¹: DEFINIÇÃO, GEOGRAFIA E DIMENSÕES

LINGÜÍSTICA POPULAR - LINGÜÍSTICA 'FUERA DEL TEMPLO':
DEFINICIÓN, GEOGRAFÍA Y DIMENSIONES

POPULAR LINGUISTICS - A LINGUISTICS 'OUT OF THE TEMPLE': DEFINITION,
GEOGRAPHY AND DIMENSIONS

Guy Achard-Bayle*
Université de Lorrainev

Marie-Anne Paveau**
Université de Paris 13

Tradução de Roberto Leiser Baronas & Tamires Bonani Conti e Revisão Técnica de Júlia Lourenço Costa

RESUMO: Neste texto, tomando basicamente um conjunto de trabalhos publicados inicialmente na revista francesa *Pratiques: linguistique, littérature e didactique*, número 139/140, em dezembro de 2008, discorremos sobre o estado da arte da linguística popular no contexto norte-americano e europeu. Objetivamos também, para além do mapeamento proposto, realizar uma espécie de exposição conceitual da linguística popular, contribuindo para o tratamento desse campo de estudos a partir de questões de natureza epistemológica, teórica, representacional e prática, que, no nosso entendimento, são fundamentais para que o campo da ciência da linguagem seja alçado a um dinamismo seguro sem binarismos de qualquer natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística popular. Epistemologias *folk*. Dimensões da linguística popular.

¹ Uma versão bastante modificada deste artigo foi publicada em francês (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008b). Agradecemos vivamente aos tradutores deste texto, Roberto Leiser Baronas e Tamires Bonani Conti, e a revisora, Julia Lourenço Costa, por nos ajudarem a fazer circular, no espaço luso-falante, importantes e inovadoras questões relacionadas à linguística popular. A expressão “fora do templo”, usada no título deste artigo, foi emprestada de Amélie Cure e faz eco à fórmula “fora do cânone”, que designa a arte bruta, a arte dos loucos, das crianças, dos inexperientes, dos não artistas, também chamada de “arte *outsider*” ou “*folk art*” (ACHARD-BAYLE; CURE, 2008).

* Professor Emérito, UFR – Sciences humaines et sociales – Metz – Université de Lorrainev. E-mail: guy.achardbayle@orange.com.

** Professora en sciences du langage à l'université de Paris 13 Sorbonne Paris Cité, France. E-mail: ma.paveau@orange.com.

RESUMEN: En este texto, básicamente tomamos un conjunto de trabajos inicialmente publicados en la revista francesa *Pratiques: linguistique, littérature e didactique*, número 139/140, en diciembre de 2008, discutimos el estado del arte de la lingüística popular en el contexto norteamericano y europeo. Además del mapeo propuesto, también aspiramos a realizar una especie de conceptualización de la lingüística popular, contribuyendo al tratamiento de este campo de estudio basado en cuestiones de naturaleza epistemológica, teórica, representativa y práctica, que, a nuestro entender, son fundamentales para el estudio. El campo de la ciencia del lenguaje se eleva a un dinamismo seguro sin binarios de ningún tipo.

PALAVRAS-CLAVE: Lingüística popular. Epistemologías populares. Dimensiones de la lingüística popular.

ABSTRACT: In this paper, drawing basically on a set of studies initially published in the French journal *Pratiques: linguistique, littérature and didactique*, number 139/140, in December 2008, we discuss the state of the art of popular linguistics in the North American and European contexts. Beyond the proposed mapping, we also aim to perform a kind of conceptualization of popular linguistics, offering contributions based on issues of epistemological, theoretical, representational, and practical nature, which, in our understanding, are fundamental for the study-field of language sciences to reach a safe dynamism without any kind of binarisms.

KEYWORDS: Popular linguistics. Folk epistemologies. Dimensions of popular linguistics.

1 SOBRE A RELEVÂNCIA E A PERTINÊNCIA EM SE DISCUTIR LINGÜÍSTICA POPULAR

Em 2008, a *European Review of Philosophy* publica uma edição totalmente dedicada a *Folk Epistemology* (HEINTZ; POUSSCOULOUS; TARABORELLI, 2008). Neste número, diversas questões abordadas pelos autores, majoritariamente filósofos, recobrem exatamente as questões que pretendemos apresentar esquematicamente neste artigo. Essas preocupações atestam que existe atualmente, em diversos campos do conhecimento (filosofia; epistemologia; lingüística; psicologia; neurociências; biologia e em outros domínios), uma robusta interrogação sobre a natureza dos saberes, sobre os modos de constituição e de legitimação dos conhecimentos ditos científicos. No número em questão, a *European Review of Philosophy* propõe ainda as seguintes questões:

- a) Qual é o domínio adequado de um sistema de epistemologia popular?
- b) As avaliações epistêmicas envolvem o pensamento consciente?
- c) As avaliações epistêmicas são específicas de humanos?
- d) Como a epistemologia popular contribui para o pensamento racional?
- e) Quais são as relações (se houver) entre a epistemologia normativa, a epistemologia do senso comum e a epistemologia popular?
- f) Como a epistemologia popular se relaciona com nossa compreensão ingênua da verdade?
- g) Quais aspectos da cultura poderiam ser explicados com base em uma epistemologia popular?
- h) Os sujeitos compartilham as mesmas intuições epistemológicas entre culturas? Ou as epistemologias variam entre culturas? (HEINTZ; POUSSCOULOUS; TARABORELLI, 2008, p. 34).

Neste artigo de natureza introdutória, não temos espaço para explicar pormenorizadamente a emergência atual de todas essas questões. Contentar-nos-emos em trazer à lembrança fenômenos bem conhecidos: o aumento do nível de conhecimento dos indivíduos, sobretudo em razão do desenvolvimento das novas tecnologias, o aumento da disponibilização dos saberes nas publicações tradicionais ou eletrônicas, a expressiva difusão da informação em múltiplos suportes, especialmente os gratuitos. Todos esses fenômenos (que concernem, especialmente, aos países desenvolvidos) contribuem significativamente para o aumento dos saberes dos indivíduos e para um certo apagamento das diferenças entre profissionais do saber (que são os universitários, por exemplo) e os detentores profanos de saberes ou de saberes profanos². Outros elementos concernentes à história das ciências, podem ser desenvolvidos: a reflexão sobre as relações entre saber e crença é tão antiga quanto o próprio pensamento, assim como o valor do conhecimento de senso comum, não suscetível de verificação lógica (COATES, 1996; DASCAL, 1999; MARKOVITS, 1999; DENNETT, 1990 [1987]; FISETTE; POIRIER, 2002); a emergência de uma disciplina como a etnometodologia que trouxe, a partir

² Essa distinção não é binária, mas escalar: várias categorias detentoras do saber podem ser vistas como *experts*, como os estudantes, os colecionadores, os apaixonados por determinado assunto, os eruditos ou especialistas de todas as ordens. Para um aprofundamento dessa escala, ver Schmale e Paveau (2008).

da segunda metade do século XX, novos objetos epistemológicos para as ciências humanas, tal como o “saber dos participantes”, ou novos métodos, como a “compreensão”, em especial, a partir das narrativas de vida.

Enfim, as ciências cognitivas, contrariamente à sulforosa reputação positivista e naturalista, foram as primeiras a se perguntar como os conhecimentos são produzidos no cérebro de todas as pessoas e não somente como se produzem os saberes científicos. Diante desse quadro, nos pareceu pertinente e mesmo relativamente urgente, que a linguística, independentemente da história e da geografia que a abrigue, visto que ainda permanece um pouco distante desse questionamento epistemológico, se interrogue e se deixe interrogar pela dimensão *folk* dos saberes.

Tomando como referência um conjunto de artigos publicados inicialmente na revista *Pratiques* (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008a), que tratam especificamente de questões atinentes à linguística popular, propomo-nos então discutir neste texto, mesmo que de maneira não exaustiva, a questão da linguística popular no interior das ciências da linguagem. Para tanto, perseguiremos vários objetivos: a) desejamos dar conta da ausência, no contexto francês, de um campo identificado como “linguística popular” ou “linguística *folk*” em comparação com os domínios anglo-saxônico e alemão, nos quais a linguística popular faz parte de um dos subdomínios da linguística geral. Nesses países, a *folk linguistics* ou a *Volklinguistik* estão bem implantadas e são muito dinâmicas com publicações e manifestações científicas consistentes nestes últimos anos, que podem ser atestadas na bibliografia deste artigo, por exemplo; b) desejamos igualmente explorar ou mesmo definir o que o campo da linguística pode sublinhar no domínio francófono, em comparação a domínios conexos e problemáticos afins, como o purismo, a gramática normativa, o trabalho sobre as normas linguísticas, sobre a metalinguagem ou sobre a noção de epilinguística, por exemplo; c) pretendemos igualmente abrir uma reflexão sobre a validade dos saberes profanos e, por consequência, sobre os saberes “científicos”, questão que é muito específica em linguística na medida em que a reflexividade, a introspecção, a consciência linguística e a epilinguística são problemáticas que definem a disciplina. Qual é, portanto, a pertinência das intuições dos locutores profanos em comparação às elaborações científicas dos linguistas? Esses últimos não são também locutores profanos? Por fim, nos parece necessário e premente questionar as relações e as contribuições da linguística popular à linguística geral e à linguística aplicada ao conhecimento e ao ensino-aprendizagem de língua materna, em particular em um período em que as orientações oficiais do ensino de língua no ensino fundamental e no ensino médio, especialmente no contexto francês, promovem um tipo de gramática que reivindica uma espécie de “simplificação” e uma “autenticidade” que pode ser talvez muito próxima do que chamamos aqui de saberes profanos ou espontâneos. É a razão pela qual desejamos uma reflexão sobre o lugar, a validade e a eficácia pedagógica das práticas reveladas mais ou menos conscientemente da linguística popular colocadas em cena tanto pelos alunos quanto por seus professores, no ensino da língua em todos os níveis.

2 O QUE É A LINGUÍSTICA POPULAR?

Debruçar-nos-emos aqui sobre os problemas de designação e de categorização dos objetos ou das questões relativas à linguística popular.

2.1 OS TERMOS E CATEGORIAS *FOLK* E *POPULAR*

O termo *linguística popular* é um dos objetos de uma série de denominações anglo-saxônicas baseadas em *folk*, nas quais esse termo é traduzido em francês por *popular*, *espontâneo*, *inexperiente*, *profano* ou *ordinário* (a lista de denominações permanece aberta como demonstram os poucos trabalhos na área). Falamos também de *linguística do senso comum* e encontramos igualmente a expressão *linguística dos locutores profanos*, em que L. Rosier assinala a presença massiva na internet: “Pode-se [...] constatar a presença do que nomeamos *linguística dos locutores profanos* na internet, notadamente nos fóruns de discussão [...]” (ROSIER, 2004, p. 70, grifos nossos).

No domínio científico anglo-saxônico (sobretudo, norte-americano), encontramos estudos bastante numerosos sobre as *folk theories: folk psychology; folk epistemology; folk biology (folk taxonomy); folk linguistics (folk etymology e folk ou perceptual dialectology)*

e recentemente *folk pragmatics*. No entanto, o termo *folk* não é unívoco e o domínio da *folk psychology*³ se subdivide, por exemplo, em dois subdomínios: de um lado a psicologia do senso comum (*commonsense psychology*), que descreve e explica o comportamento humano em termos de crenças, desejos, intenções, expectativas, esperanças etc.; e, de outro, uma versão filosófica dessa psicologia do senso comum, que propõe uma interpretação dessas explicações ordinárias por meio de generalizações teóricas, mobilizando os conceitos de crença, desejo etc., representada, por exemplo, pelos trabalhos de P. Churchland (1984), D. Dennett (1990) e W. Sellars (1979).

As lexias construídas a partir de *folk* estão bem estabilizadas no campo anglo-saxônico. Em nosso trabalho, tentamos ao máximo conservar a sua tradução da maneira mais literal possível. No entanto, o termo *popular* em francês é polissêmico. Falamos aqui de *linguística popular*⁴. Todavia, como definir esse termo? Propomos por enquanto chamar *popular* o saber espontâneo dos atores sociais sobre o mundo – depositado entre outros espaços nos provérbios e nos ditos populares, por exemplo –, que se diferencia do saber acadêmico ou científico, da mesma maneira que o saber prático se distingue do saber teórico. O saber espontâneo é constituído de saberes empíricos, não suscetíveis de verificação lógica – o saber espontâneo não é verdadeiro nem falso, visto que é um *saber aproximativo*, como explica F. Markovits (1999) – e também de crenças que constituem guias para a ação dos atores sociais: as lendas urbanas ou as influências da lua sobre as plantações ou ainda se o céu está mais ou menos nublado como possibilidade de chuva são crenças reveladas do saber espontâneo. As conotações pejorativas geralmente apenas ao termo *popular* – contrariamente a outros usos eufóricos do termo, como *educação* ou *universidade* ou *artes e tradições popular(es)* – fazem parte do escopo dos estudos da linguística popular e podem se tornar um importante objeto de estudo para esse domínio.

2.2 GEOGRAFIA DA LINGUÍSTICA POPULAR

2.1.1 *Folk linguistics*

O domínio anglo-saxônico da *folk linguistics* foi aberto nos anos sessenta do século passado pelos trabalhos inaugurais de Hoenigswald (1960; 1966) que reivindicou firmemente que se levasse em conta os saberes espontâneos na constituição de toda a ciência. Todavia, essa importante demanda não encontrou muito eco à época. Foi preciso esperar os anos 2000 para que a obra seminal de N. Niedzielski e D. Preston retomasse a questão sobre o conteúdo e a representatividade da linguística popular norte-americana atualmente. Em seu trabalho, N. Niedzielski e D. Preston precisam o sentido de *folk* em *folk linguistics*:

[A palavra *folk*] refere-se àqueles que não são profissionais qualificados na referida área [...]. Definitivamente não usamos *folk* para nos referirmos a rústicos, ignorantes, atrasados, primitivos, minoritários, isolados, marginalizados ou grupos e indivíduos de *status* supostamente inferiores (2003 [2000], p. 8).

Em seguida, os autores enfatizam a importância de se levar em conta os saberes populares para a constituição dos *corpora* de saberes científicos: “Seja para o propósito puramente científico de registrá-lo ou para os propósitos sociais de nos ajudar a entender melhor nossas atitudes mútuas, sugerimos que o estudo [...] dos traços linguisticamente orientados é uma tarefa importante.” (2003 [2000], p. 123).

Os nomes e as expressões a seguir, que intitulam os capítulos do livro de N. Niedzielski e D. Preston (2003 [2000]), desenham claramente o mapa da *folk linguistics* norte-americana:

- a) Regionalismo;
- b) Fatores sociais;

³ Para ver a difusão desses trabalhos norte-americanos no contexto francófono, ver, por exemplo, Fissette e Poirier (2002).

⁴ As reservas em torno desse termo são ambíguas e enganosas (ele designaria de maneira pejorativa a linguística do povo), fazendo com que alguns autores adotassem a lexia afrancesada *folk linguistique*. (N.T). No Brasil, salvo melhor juízo, embora o sentido de *popular* possa ser pejorativo, sobretudo enunciado por locutores que pertencem às classes mais abastadas da população, como a linguística popular ainda está em gestação, tais sentidos ainda não estão apensos à expressão *linguística popular*.

- c) Aquisição da linguagem e linguística aplicada;
- d) Linguística geral e linguística descritiva.

O exposto permite destacar, alinhados a J. R. Dow (2001), que a obra apresenta elementos de análise e de reflexão nos seguintes domínios da linguística norte-americana: a etnografia da linguagem, a psicologia social da linguagem (ou estudo das atitudes linguísticas), a linguística geral e descritiva, linguística variacionista, e a linguística aplicada. Esses dados nos mostram que a *folk linguistics* no domínio anglo-saxônico, especialmente no norte americano, constitui um importante campo para as ciências da linguagem⁵.

2.1.2 *Volkslinguistik, Laienlinguistik*

No contexto germânico, a *Volkslinguistik*, às vezes chamada de *Laienlinguistik*, embora os termos não cubram as mesmas práticas linguísticas⁶, se apresenta como no domínio anglo-saxônico, isto é, como um campo de estudos já consolidado, com muitas produções científicas, eventos. O pesquisador Gerd Antos (1996) tem contribuído largamente para difundir essa abordagem que se situa no domínio da formação, transitando entre a psicologia e a gestão. A *Laienlinguistik* é a linguística dos manuais de conversação ou de expressão oral, destinados a melhorar a competência linguística dos locutores na sua vida social e profissional. Os trabalhos do que se denomina enquanto *Volkslinguistik* se concentram, todavia, sobre a dialetologia e adotam uma perspectiva que se poderia denominar geolinguística, se debruçando, por exemplo, sobre a imagem da “*bad language*”, associada às variantes regionais⁷. Também é esse uso geolinguístico da noção de linguística espontânea, popular que P. Sériot mobiliza, na Suíça, no título de seu artigo sobre a linguística espontânea dos marcadores de fronteiras (SÉRIOT, 1996) e no trabalho coletivo publicado na revista *Pratiques* (SÉRIOT; BULGAKOVA; ERŽEN, 2008).

2.1.3 *Linguística popular*

Nos domínios francês e francófono, os estudos que se inscrevem na linguística popular são raros, como sublinha J.-C. Beacco (2004), que alhures escolheu evitar o termo *popular*, preferindo falar sobre *representações metalinguísticas ordinárias*. É, sobretudo, a expressão *etimologia popular* que é difundida na França. Dentre as razões para a escolha dessa terminologia está o fato de se tratar de um fenômeno linguístico passível de descrição e suscetível de fornecer um objeto discreto para a linguística geral. H. E. Brekle (1989) e J.-C. Beacco (2004) fazem menções explícitas ao domínio da linguística popular. Também Pierre Bourdieu, desde o início dos anos 1980, mas de maneira mais explícita em seu trabalho de 2001, reclama a existência de uma “ciência rigorosa da sociolinguística espontânea” (BOURDIEU, 2001, p. 137). De maneira um pouco mais recente e programática, vale ainda mencionar os nossos trabalhos sobre a necessidade de se levar em conta a linguística popular no ensino da língua francesa na escola (PAVEAU, 2005); os que tratam da construção de objetos sociais nas abordagens sociolinguísticas (PAVEAU, 2007, 2008) e os que buscam renovar as teorias do discurso (PAVEAU, 2006). Há ainda o trabalho de L. Rosier (2003, 2004, 2006) sobre a questão do purismo nos trabalhos acerca das normas da língua francesa e a circulação dos discursos.

O anteriormente exposto não significa evidentemente que as questões aqui rapidamente apresentadas não sejam tratadas na literatura. Todavia, esse outro tipo de tratamento é feito sob outras etiquetas terminológicas ou com base em outras orientações teóricas e temáticas.

⁵ N.T.: No caso do Brasil, ao se tomar como parâmetro as áreas que compõem o campo de estudos da linguística a partir, por exemplo, do CNPq ou de um evento já consolidado como o de uma associação como o Grupo de Estudos Linguísticos ou mesmo os Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, a linguística popular sequer figura como um domínio ou mesmo subdomínio de estudos da linguagem.

⁶ Para um aprofundamento desta questão, veja Schmale (2008), Stegu (2008) e Antos (1996).

⁷ Para melhor entendimento desta discussão, veja, por exemplo, Langer (2001).

Em primeiro lugar, é sob a designação *ordinário* que o discurso espontâneo sobre a língua é às vezes estudado⁸, sem que haja, contudo, uma discussão sobre essa questão no contexto francês, cujo objetivo seria o da constituição de um domínio científico que buscasse uma sistematização, quer seja da *linguística ordinária* ou do *ordinário* propriamente dito. O termo *ordinário* é amplamente mobilizado em lexias como *francês ordinário*, *trocas linguísticas ordinárias* ou *discursos ordinários*. Essa problemática do termo *ordinário* se confunde frequentemente com a problemática do cotidiano à maneira que os *etnometodólogos* tratam dessa questão. Em segundo lugar, dois subdomínios ou orientações teóricas e temáticas são intensamente atravessadas pelas questões da linguística popular:

- a) De uma parte, o vasto domínio dos estudos sobre o “meta”, que trata por um lado da linguística do sistema – fazendo uma distinção da “metalinguagem corrente” e “científica” (REY-DEBOVE, 1978) – e, por outro, da teoria da enunciação e da reformulação – e as aspas metaenunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1995). Além disso, os trabalhos que falam de uma “semântica espontânea” (JULIA, 2001) ou da didática da língua (BEACCO, 2004; BOUCHARD, 1995⁹).
- b) De outra parte, um conjunto também vasto de trabalhos que, em sociolinguística – J.-C. BEACCO (2004) define a linguística popular como um desdobramento da sociolinguística –, se ocupa de normas e de representações (BERRENDONNER, 1982; GADET, 2007 [2003]; HOUDEBINE, 2002; LAFONTAINE, 1986 e outros), frequentemente recobertas pela etiqueta das “atitudes linguísticas”, no quadro de uma psicologia social da linguagem.

2.3 PRÁTICAS DE LINGUÍSTICAS PROFANAS

Como acabamos de mostrar, de certa maneira, a linguística popular não existe na França como um campo constituído. Neste caso, pode parecer paradoxal querer definir seus objetos e os materiais de observação. O paradoxo se configura se nos propomos a considerar a linguística popular como uma estrutura para unificar os objetos e abordagens mencionadas até agora, centrada em torno do conceito de *prática*.

Para tanto, perquirimos a seguinte proposição: o campo de investigação da linguística popular incluiria o conjunto dos enunciados que podemos qualificar como *práticas linguísticas profanas* – isto é, que não vêm de representantes da linguística como uma disciplina estabelecida, os “não linguistas”, assim chamados por N. Niedzielski e D. Preston (2003 [2000]) –, designando, avaliando ou referindo-se aos fenômenos da linguagem para produzi-los (os dois primeiros itens são retirados de Brekle (1989) e o terceiro proposto por nós):

- i. Descrições ou (pré)teorizações linguísticas, por exemplo, àquelas que se relacionam com a designação (*chamar um gato de gato* ou *as coisas por seu nome*) ou sobre a hierarquia entre escrito e oral (*palavras verbais, falar como um livro, colocar os pingos nos is, dizer ao pé da letra*) ou ainda sobre a conformidade com as regras da língua (*apesar disso e ir ao cabeleireiro* “não são franceses”). Um exemplo de um trecho da linguística social popular, derivado do *corpus* das obras típicas do “espírito francês”, que propõe uma pequena teoria profana do patronímico em um contexto intercultural (Turid, a jovem companheira norueguesa do narrador, faz o experimento sobre os usos do nome próprio na administração francesa):

Mas o segredo do nome também se estende aos serviços públicos. Enquanto em muitos países sabemos imediatamente com quem estamos lidando – nos escritórios com um cartucho com o nome do agente; no telefone porque o funcionário foi nomeado – na França, se Turid quer saber quem ela deveria chamar na prefeitura, nas contribuições, no Serviço Social:

⁸ Para constatar essa afirmação, veja Beacco (2004).

⁹ Para uma síntese destes trabalhos, ver Bouchard e Meyer (1995).

- Senha 634!

Se ela insiste em ter uma interlocutora que parecesse gentil com ela:

- Pergunte, Madame Yvette!

O nome da família continua sendo um segredo quase inviolável. É o mesmo no bistrô onde o chefe recebe constantemente mensagens codificadas:

- Eu te deixo pelo Senhor Léon. Você vai dizer a ele que é do Sr. Raymond... (DANINOS, 1977, p. 23).

- i. Prescrições comportamentais, que na maioria das vezes vêm de um normativismo mais ou menos exacerbado: sabemos que “amantes da boa linguagem” ou “comerciantes de regras”, nas palavras de G. Philippe (2002), condenam facilmente os neologismos (inúteis), os empréstimos (ameaçadores), os advérbios terminados em *-mente* (pesados), as palavras técnicas (jargões), feminilizações (ridículas) etc. (PAVEAU; ROSIER, 2008). As práticas profanas, então, são abarcadas pelo purismo, como definido por L. Rosier:

É caracterizada por uma forte axiologização performativa (*o que é dito, o que não é dito*) que une o bom uso e pretende respeitar uma estrita economia das trocas linguísticas, em que se avalia aquele que fala de acordo com seu domínio da língua, sob o ângulo de *riqueza lexical e correção gramatical* (ROSIER, 2004, p. 69, grifos do autor).

- ii. Intervenções espontâneas sobre a língua, chamadas de “falhas” pelos gramáticos e puristas, mas que constituem uma prática real de linguagem profana implícita se considerarmos que a falta constitui um discurso sobre a linguagem. A coisa é entendida pelas etimologias populares (*cata-vento < catar + vento*) e as meta-análises ou “interrupções” (ônibus → autocarro, panorama → diaporama), menos quando dizem respeito aos erros. Sabemos, porém, e desde há muito tempo (a intransponível *Gramática das falhas* de Frei data de 1928) que a maioria das falhas dos falantes, grandes ou pequenas, é explicada pelo princípio da economia da linguagem: a linguagem é assim regularizada (o famoso **você faz*), simplificada (o caso bem conhecido, odiado pelos puristas, *emoção* → *emocionado* ou o menos conhecido **ele cobriu*, lido no *Télérama*, semanário culto, em julho de 2006), harmonizado (**Centro de estudos espaciais*, também no *Télérama* em setembro de 2006). As falhas do francês existem, como D. Leeman-Bouix (1994) pergunta? Tudo depende por quem, para quem e por que fazer. Mas as intervenções também dizem respeito a campos mais políticos, que se referem às realidades de territórios e populações, como mostram claramente Sériot, Bulgakova e Herzen (2008). Nomes de pessoas, nomes de línguas, nomes de países e rios: trata-se aqui de uma linguística popular com alto grau de performatividade, uma vez que as intervenções linguísticas também são prescrições de identidade.

Recapitulando, com base no nosso entendimento, diremos que a linguística popular reúne três tipos de práticas linguísticas: descritiva (descrevemos a atividade da linguagem), normativa (prescrevemos comportamentos da linguagem) e intervencionista (intervimos nos usos da linguagem). Examinemos, agora, de acordo com os nossos objetivos, quais questões a linguística popular deveria desenhar para a linguística e a didática da língua.

3 AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DA LINGUÍSTICA POPULAR

Uma das razões pelas quais a linguística popular deveria ser um domínio da linguística é que ela diz respeito não apenas à teoria linguística em sua constituição, sua validade e sua legitimidade (o que lhe confere uma dimensão epistemológica e metateórica), mas também às práticas languageiras em suas dimensões sociais, culturais e cognitivas (o que é caro à sociolinguística, à psicologia social e à semântica cognitiva), bem como aos procedimentos de ensino-aprendizagem de línguas (levando ao ensino de línguas e à psicolinguística).

3.1 EPISTEMOLOGIA

A linguística popular propõe entre outras questões um problema de *fronteiras disciplinares* e de concepção de ciência. Sobre esse ponto, as questões se misturam: quais são as relações entre sociolinguística e linguística popular (integração, afinidade, cruzamento)? E, acima de tudo, entre a linguística popular e a chamada linguística acadêmica ou científica: devemos permanecer em uma oposição binária (uma *versus* a outra?) em que os não linguistas não têm nada a dizer sobre língua e os linguistas os únicos autorizados a fazê-lo ou, de maneira mais razoável, podemos colocar as coisas em termos de um *continuum*, um gradiente de cientificidade ou espontaneidade? As fronteiras são claras entre o purismo e a linguística popular (o purismo, finalmente, é tão profano quanto isso)? E que jogo de estilos se desenrola entre a gramática tradicional, a linguística popular e a linguística científica, a gramática tradicional apresentando, por meio da norma, características em comum com a própria linguística popular conectada com linguística aprendida? Como definir o “popular” ou “profano” senão de maneira relativa a um padrão de comparação, qual seria a cientificidade, ela mesma suscetível de variações de acordo com os objetos, os métodos e os objetivos considerados?

É D. R. Preston um dos iniciadores do campo e autor, com N. Niedzielski, da primeira síntese sobre a linguística popular (2003 [2000]), que responde a essas questões demonstrando o interesse científico de comentários linguísticos de não linguistas. No artigo “*Qu’est-ce que la linguistique populaire? Une question d’importance*”, Preston (2008) explica por que e como levar em conta a linguística *folk* e mostra, de passagem, algumas ideias recebidas sobre a questão, como a suposta pobreza dos conhecimentos populares.

Em *Pratiques* (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008a), vários autores lidam com essa dimensão epistemológica. O historiador Éric Mension-Rigau (2008) explica, de uma maneira muito prática, como trata os dados linguísticos com um método “combinado” das suas habilidades como leitor de literatura (ele é um historiador de formação, que se interessa pelas Letras) com a sua intuição e as suas faculdades de observação e interpretação. Para ele, é um verdadeiro método histórico, e, como D. Dennett (1990), o autor poderia dizer que “funciona” porque na verdade produz resultados convincentes e reconhecidos.

Por sua vez, G. Achard-Bayle, que especularmente escolheu uma forma “popular” para lidar com a questão da linguística popular (ACHARD-BAYLE; CURE, 2008) mostra como as questões ligadas à referência, ao real e à identidade são sempre suscetíveis à teorização de regime múltiplo, conforme o senso comum ou a racionalidade científica avançam.

G. Schmale (2008) discute a questão da situação da *Laienlinguistik* em comparação com outras práticas, algumas menos instruídas, outras mais, sobre a conversação. Por fim, numa perspectiva epistemológica mais generalista, o pesquisador Martin Stegu (2008) compara a linguística *folk*, a *Laienlinguistik*, à linguística acadêmica ou “oficial”, relacionando-a com a linguística aplicada. No entendimento de Stegu, essa comparação mostra, por exemplo, que a linguística aplicada é, em muitos aspectos, bem próxima da linguística popular, porque ela própria foi concebida pelos não linguistas. O autor defende, então, uma concepção aberta e escalar da linguística aplicada, popular e acadêmica.

3.2 TEORIA

Em suma, é a própria questão da teoria que a linguística popular revira, ativando questões sobre a *categorização* e *denominação* dos fenômenos estudados nas ciências da linguagem: o estudo das atividades metalinguísticas comuns dos falantes vem da linguística popular? A palavra *corrente* é sinônimo de *popular*? E como tratar a famosa *intuição* ou o *sentimento da linguagem* em que os proponentes de uma linguística da competência estão baseados? Sabemos que o termo *contra intuitivo* é frequentemente mobilizado para provar a agramaticalidade desta ou daquela forma. A intuição está incluída na categoria de “popular”? A intuição é profana?

Tomando uma vez mais a revista *Pratiques*, M.-A. Paveau (2008) oferece algumas respostas hipotéticas a essas questões. A autora defende uma abordagem integracionista, isto é, que integre dados considerados *folk* para a linguística acadêmica, sem que uma fronteira, em termos de contrariedade (*versus*), seja colocada entre os dois tipos de fenômenos. É a questão da intuição que sustenta

essa posição antieliminatória, na medida em que a linguística acadêmica não pode economizar em intuição e introspecção, por causa de sua dimensão reflexiva irreduzível.

Nesse quesito, a linguística é particularmente frágil em face a ambições objetivistas e idealistas derivadas do modelo científico das ciências exatas. No campo da argumentação, o trabalho de M. Doury (2008) também se questiona sobre a validade do raciocínio *folk*. A autora mostra que não há diferença gritante, em termos da validade dos argumentos, entre as produções espontâneas e as produções aprendidas. Ela traz, assim, argumentos importantes para fundamentar a abordagem antieliminatória.

Essa posição integracionista pode ser encontrada até mesmo dentro da própria linguística acadêmica, como mostram as obras de F. Recanati sobre o sentido literal e o sentido contextual, sintetizado em seu livro *Literal Meaning* (RECANATI, 2004). É preciso que nos debruçemos um pouco sobre essa concepção do sentido, diretamente relacionada ao problema do eliminatório *versus* integracionista. F. Recanati, que produz linguística a partir da filosofia, desenvolve uma concepção contextualista do sentido e, portanto, argumenta que uma teoria semântica baseada na noção de sentido literal não pode funcionar. O autor defende uma posição que chama de *Meaning Eliminativism* (eliminar o sentido intrínseco), baseada na ideia de que o sentido pode ser desenvolvido sem uma concepção puramente linguística e não contextual do sentido:

De acordo com WF [visão *Wrong Format*, “*Formato Errado*”], o sentido expresso por uma expressão deve sempre ser contextualmente construído com base no (excessivamente rico ou excessivamente abstrato) significado, ou potencial semântico, do tipo de palavra. [...] Nesse quadro ainda há um papel para o significado linguístico dos tipos de palavras: é a entrada (ou um dos insumos) para o processo de construção.

A diferença entre o *Meaning Eliminativism* (ME) e o WF é que, de acordo com o ME, não precisamos de significados linguísticos, nem mesmo para servir como entrada para o processo de construção. Os sentidos que são as contribuições das palavras para os conteúdos são construídos, mas a construção pode prosseguir sem a ajuda de significados de palavras convencionais, independentes do contexto (RECANATI, 2004, p. 174-175).

O autor então considera que a teoria contextualista do sentido é uma teoria popular na medida em que se baseia em dados não linguísticos, isto é, contextuais. Portanto, aqui estamos diante de uma teoria linguística elaborada com base em uma concepção “não linguística”, no sentido restrito do termo. F. Recanati pode ser descrito como um filósofo que faz linguística junto com a não linguística, o que não é do gosto de todos, como R. M. Harnish mostra claramente, resumindo assim a posição do filósofo francês:

Assim, Recanati parece não apenas promover uma espécie de “semântica-pragmática folk”, mas também negar a legitimidade (e o potencial valor psicológico) da tradicional (“científica”) linguística semântica. Ele parece estar apostando que a semântica-pragmática não seguirá o caminho da sintaxe (e da fonologia). Isto é, introspectiva, a psicologia popular prevalecerá tanto sobre as intuições semânticas quanto sobre a metodologia tradicional de construção de teoria na semântica (HARNISH, 2005, p. 397).

Não seria toda linguística uma linguística popular? Isto é certamente mostrado por certas representações discursivas e certos imaginários linguísticos.

3.3 Representações

A questão da validade teórica ou mais amplamente científica também surge para os estudos sobre as representações linguísticas, do imaginário linguístico formulado por A.-M. Houdebine (2002), até as mitologias linguísticas estudadas por P. Zoberman (2001), bem como a linguística fantástica e imaginária evocada por M. Yaguello (1981): o imaginário é popular, a linguística fantástica é profana? De quais campos, de quais categorias, de qual campo disciplinar ou subdisciplina somos nós?

As respostas são fornecidas por J.-C. Beacco (2008), quando ele propõe analisar “[...] as concepções circulantes sobre o que é o bom falar ou o que é o *autêntico* bom escrever, que responde a valores distintos ou opostos àqueles que baseiam as normas dominantes ditas, indiferentemente, *acadêmicas, oficiais, escolares, supervisionadas, elegantes*. Neste texto, o autor examina um *corpus* de artigos

da imprensa esportiva (o jornal diário *L'Équipe*) para descobrir definições espontâneas do que é essa eloquência autêntica. Em outra ordem de ideias, mas ainda no campo das estruturas representacionais, Sériot, Bulgakova e Herzen (2008) mostram que o discurso da língua constitui a base de um questionamento sobre as identidades coletivas e nacionais na Europa Oriental no primeiro decênio dos anos dois mil. Eles destacam, assim, realidades culturais e discursivas pouco conhecidas, como a fabricação de identidades míticas e origens fantásticas por meio de um discurso linguístico “pseudo erudito” com uma forte intenção persuasiva. As apostas são altas porque se trata da definição de povos e da delimitação de fronteiras.

3.4 Práticas

Por fim, a linguística popular levanta o problema do valor e da efetividade do conhecimento espontâneo em um contexto de aprendizagem: um discurso frequente é que, na linguística, como em outros lugares, a demonstração científica na maioria das vezes contradiz a interpretação espontânea, por exemplo, a posição de Jackendoff (2003) em relação ao “conhecimento popular”. Esse discurso está, no entanto, atualmente sendo minado por alguns filósofos das ciências que, depois de ilustres antecessores, como A. Schutz (1932) ou P. Feyerabend (1977), mostraram como as teorias espontâneas às vezes estão próximas de resultados científicos, ou têm validade de uma outra ordem necessária no campo da vida em sociedade.

Esta questão parece crucial para nós na aula de francês, do jardim de infância à universidade. Qual é o lugar do conhecimento profano dos alunos e professores em sala de aula (sabemos que a atividade metalinguística de “crianças gramáticas” é largamente explorada em pré-aprendizagens no maternal e no ciclo 1)? Um “erro científico” pode ter uma boa rentabilidade funcional no aprendizado? É este o caso de todas as atividades? Para todos os níveis de ensino (“a criança gramática” de Gleitman, Gleitman e Shipley (1972) pode tornar-se um “estudante gramático”)? O ensino de francês deve privilegiar a eficácia ou a precisão científica?

Sobre essas questões vale a pena voltar uma vez mais à já mencionada revista *Pratiques* (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008a). Nesta, J. David (2008) se baseia em um grande *corpus* de textos escritos e especialmente em auto explicações ou comentários metagráficos produzidos por crianças pequenas que são aprendizes de escritores (5–7 anos) para mostrar como essas crianças conseguem verbalizar o conhecimento emergente sobre o funcionamento da escrita. Este conhecimento demonstra ter conexões, por um lado, com as propriedades das linguagens orais e, por outro lado, com os componentes da escrita (semiológicos, fonológicos, morfológicos), gradualmente descobertos e integrados. Um conhecimento espontâneo e incontestável surge, assim, dos comentários metagráficos das crianças.

Constatações análogas são feitas por referência às grafias inventadas (*invented spellings*) por Jaffre e Morin (2008). Em sua reflexão sobre *Les activités pré-orthographiques*, os autores mostram, de fato, que as crianças pequenas possuem habilidades pré-ortográficas, pois não são, a princípio, cognitivamente sensíveis às normas ortográficas, mas às funcionalidades subjacentes cuja única consideração é avaliar suas primeiras produções. Eles concluem que escrever não é mais uma questão de (re)produzir normas ortográficas, mas de perceber princípios gráficos básicos e recorrentes – por exemplo, o valor fonológico das letras na tradição alfabética.

São essas “crianças gramáticas” que são o assunto dos comentários de M. Laparra (2008). A autora se pergunta qual é o valor do conhecimento espontâneo que os alunos podem produzir em certas marcas morfológicas gráficas do francês. Apesar de tudo, a sala de aula continua sendo um espaço interacional que constitui um verdadeiro reservatório, onde se descobrem discursos às vezes pré-fabricados, furtivos ou ritualizados, oriundos, por vezes, dos próprios conhecimentos escolares derivados dos conhecimentos acadêmicos. É isso que C. Weber (2008) mostra em *Les verbalisations ordinaires dans la classe*. Os vários modos comunicativos que se desenrolam na sala de aula dão lugar, de fato, em sua opinião, a uma infinita variação de produções, representações e raciocínios que estão prestes a ser construídos, cuja forma e presença são “furtivas”, mas que desempenham um papel decisivo nas práticas escolares.

O nosso primeiro percurso acerca da linguística popular finda mencionando o artigo de Capucho (2008). Ela propõe uma abordagem inédita em relação a todos os trabalhos já mencionados, na medida em que opta por trabalhar no contexto do

plurilinguismo, e em uma noção pluridisciplinar (linguística, filosofia, psicologia social, comunicação), a intercompreensão. A autora mostra que essa noção estrutura os comportamentos de falantes plurilíngues, especialmente em condições com alto grau de estranheza, como as viagens. Em particular, ela analisa os componentes emocionais e situacionais e mostra até que ponto os locutores mobilizam espontaneamente, quase “naturalmente”, sua competência intercompreensiva.

4 UMAS POUCAS PALAVRAS DE FIM

Esperamos que as breves considerações que aqui realizamos possam orientar e, talvez, iluminar uma área que ainda é um pouco obscura na França e, pelo que nos consta a partir de nosso contato com os tradutores deste texto, também no Brasil. Os levantamentos aqui apresentados podem contribuir para o tratamento da linguística popular a partir de questões de natureza epistemológica, teórica, prática e representacional, que acreditamos serem necessárias para que o campo da ciência da linguagem seja mantido em um dinamismo seguro, sem nenhum tipo de binários. Esperamos que os percursos brevemente abertos ou aprofundados aqui favoreçam igualmente as colaborações de todos os interessados sobre a questão da linguística popular e, de um modo mais geral, sobre a validade do conhecimento das ciências humanas.

REFERÊNCIAS

- ACHARD-BAYLE, G.; CURE, A. Trivial Pursuit. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1178>. Acesso em: 24 out. 2019.
- ACHARD-BAYLE, G.; PAVEAU, M.-A. (ed.). Linguistique populaire? *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008a. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pratiques/1168>. Acesso em: 24 out. 2019.
- ACHARD-BAYLE, G.; PAVEAU, M.-A. Présentation. La linguistique “hors du temple”. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008b. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1171>. Acesso em: 24 out. 2019.
- ANTOS, G. *Laien-Linguistik*. Studien zu Sprach – und Kommunikationsproblemen im Alltag. Tübingen: Niemeyer, 1996.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi*. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris: Larousse, 1995. 2 tomes.
- BEACCO, J.-C. De la verve. À la recherche d'un idéal discursif ordinaire. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1214>. Acesso em : 24 out. 2019.
- BEACCO, J.-C. (dir.) Représentations métalinguistiques ordinaires et discours. *Langages*. Paris: Larousse, n. 154, 2004. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/lgge_0458-726x_2004_num_38_154. Acesso em: 24 out. 2019.
- BERRENDONNER, A. *L'éternel grammairien*. Étude du discours normatif. Berne: Peter Lang, 1982.
- BOUCHARD, R.; MEYER, J.-C. *Les métalangages de la classe de français*. [S. l.]: DFLM, 1995.
- BOURDIEU, P. Vous avez dit “populaire”? In: BOURDIEU, P. *Langage et pouvoir symbolique*. Paris: Seuil, 2001. p. 132-151.
- BREKLE, H. E. La linguistique populaire. In: AUROUX, S. (dir.). *Histoire des idées linguistiques*. Bruxelles: Mardaga, 1989. t. 1, p. 39-44.
- CAPUCHO, F. L'intercompréhension est-elle une mode? *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1252>. Acesso em: 24 out. 2019.

- CHURCHLAND, P. M. *Matière et conscience*. Champ Vallon, 1984.
- COATES, J. *The claim of commonsense*. Moore, Wittgenstein and the Social Sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- DASCAL, M. Trois préjugés sur le préjugé. In: AMOSSY, R.; DELON, M. (dir.). *Critique et légitimité du préjugé*, du XVII^e siècle à nos jours. Bruxelles: Presses Universitaires de Bruxelles, 1999. p. 113–118.
- DANINOS, P. *Made in France*. Paris: Julliard, 1977.
- DAVID, J. Les explications métagraphiques appliquées aux premières écritures enfantines. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1230>. Acesso em: 24 out. 2019.
- DENNETT, D. The intentional stance. In: DENNETT, D. *La Stratégie de l'interprète*. Le sens commun et l'univers quotidien. Trad. francesa P. Engel. Paris: Gallimard, 1990 [1987].
- DOW, J. R. Folk Linguistics (review). *Journal of American Folklore*, Volume 114 (454) - set. 2001.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Trad. Octanny S. Da Mota e Leônidas Hegenberg. Rio De Janeiro: Livraria Francisco Alves; 1977.
- FISETTE, D.; POIRIER, P. (éd.) *Philosophie de l'esprit*. Psychologie du sens commun et sciences de l'esprit. Paris: Vrin, 2002.
- FREI, H. *La Grammaire des fautes*. Genève-Paris: Slatkine reprints, 1982 [1928].
- GADET, F. *La variation sociale en français*. Paris: Ophrys, 2007 [2003].
- GLEITMAN, L.; GLEITMAN, H.; SHIPLEY, E. The emergence of the child as a grammarian. *Cognition*, v. 1, issue 2/3, p. 137-164, 1972.
- HARNISH, R. M. Folk psychology and literal meaning. *Pragmatics and cognition*, v. 13, issue 2, p. 382-399, 2005.
- HEINTZ, C.; POUSSCOULOUS, N.; TARABORELLI, D. (éd.). Folk epistemology. *European review of philosophy*, n. 8, 2008.
- HOENIGSWALD, H. M. *Language change and linguistic reconstruction*. Chicago: University of Chicago Press, 1960.
- HOENIGSWALD, H. M. A proposal for the study of folk-linguistics. *Sociolinguistics: Proceedings of the UCLA Sociolinguistic Conference 1964*, ed. by W. Bright, The Hague, Mouton, 1966. p. 16-26.
- HOUDEBINE, A.-M. *L'imaginaire linguistique*. Paris: l'Harmattan, 2002.
- JACKENDOFF, R. The structure of language: why it matters to education. Talk for conference on Learning and the Brain. Linguistic Society of America, Cambridge, 2003. p.5-8.
- JAFFRE, J.-P.; MORIN, M.-F. Les activités pré-orthographiques: nature, validité et conceptions. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1238>. Acesso em: 24 out. 2019.
- JULIA, C. *Fixer le sens? La sémantique spontanée des gloses de spécification du sens*. Paris: PSN, 2001.

- LAFONTAINE, D. *Le parti pris des mots*. Normes et attitudes linguistiques. Bruxelles: Mardaga, 1986.
- LANGER, N. Linguistic purism in action – How auxiliary “tun” was stigmatized in early new high german. *Studia Linguistica Germania* 60, Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2001.
- LAPARRA, M. L’élève grammairien? L’exemple de l’apprentissage des marques graphiques du français. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pratiques/1246>. Acesso em: 24 out. 2019.
- LEEMAN-BOUIX, D. *Les fautes de français existent-elles?* Paris: Seuil, 1994.
- MARKOVITS, F. Histoire naturelle du préjugé. In: AMOSSY; DELON (dir.). *Critique et légitimité du préjugé*, du XVII^e siècle à nos jours. Bruxelles: Presses Universitaires de Bruxelles, 1999. p. 73-90.
- MENSION-RIGAU, É. Entretien avec un folk linguiste: l’historien Éric Mension-Rigau. [Entrevista cedida a] Achard-Bayle et Marie-Anne Paveau. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1174>. Acesso em: 24 out. 2019.
- NIEDZIELSKI, N.; PRESTON, D. *Folk linguistics*. Berlin, New York: Mouton De Gruyter, 2003 [2000]. [with a new preface].
- PAVEAU, M.-A. Les normes perceptives de la linguistique populaire. *Langage et société*. 12, Les normes pratiques, p. 93-109, 2007.
- PAVEAU, M.-A. *Les prédiscours*. Sens, mémoire, cognition. Paris: Presses Sorbonne nouvelle, 2006.
- PAVEAU, M.-A. Le parler des classes dominantes, objet linguistiquement incorrect? Dialectologie perceptive et linguistique populaire. *Études de linguistique appliquée*, n. 150, p. 137-156, 2008.
- PAVEAU, M.-A. Linguistique populaire et enseignement de la langue: des catégories communes? *Le Français aujourd’hui*. Paris: AFEF-Armand Colin, n. 151, p. 95-107, 2005.
- PAVEAU, M.-A. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. Trad. Phellipe Marcel da Silva Esteves. *Policromias*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 21-45, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/policromias/issue/download/1175/622>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- PAVEAU, M.-A.; ROSIER, L. *La langue française*. Passions et polemiques. Paris: Vuibert, 2008.
- PRESTON, D. R. Qu’est-ce que la linguistique populaire? Une question d’importance. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1176>. Acesso em: 24 out. 2019.
- PHILIPPE, G. *Sujet, verbe, complément*. Le moment grammatical de la littérature française 1890-1940. Paris: Gallimard, 2002.
- RECANATI, F. *Literal Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge, 2004.
- REY-DEBOVE, J. *Le métalangage*. Étude linguistique du discours sur le langage. Paris: Le Robert, 1978.
- ROSIER, L. Du discours rapporté à la circulation des discours: l’exemple des dictionnaires de “critique ironique”. *Estudios de lengua y literatura francesas*. Cadiz: Universidad de Cadiz, n. 14, p. 63-81, 2003.

ROSIER, L. La circulation des discours à la lumière de "l'effacement énonciatif": l'exemple du discours puriste sur la langue. *Langages*. Paris: Larousse, n. 156, p. 65-78, 2004.

ROSIER, L. *Petit traité de l'insulte*. Bruxelles: Labor, 2006.

SCHMALE, G. Conceptions populaires de la conversation. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, dez. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1186>. Acesso em: 24 out. 2019.

SCHÜTZ, A. *Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt*. Eine Einleitung in die verstehende Soziologie, Wien, Springer, 1932.

SELLARS, W. *Naturalism and Ontology*. Reseda, CaL, Ridgeview, 1979.

SÉRIOT, P. La linguistique spontanée des traceurs de frontières. In: SÉRIOT, P. (ed.). *Langue et nation en Europe centrale et orientale du 18ème siècle à nos jours*. *Cahiers de l'ILSL*, Lausanne, n. 8, p. 277-304, 1996.

SÉRIOT, P.; BULGAKOVA, E.; ERŽEN, A. La linguistique populaire et les pseudo-savants. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1220>. Acesso em: 24 out. 2019.

STEGU, M. Linguistique populaire, language awareness, linguistique appliquée: interrelations et transitions. *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, p, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1193>. Acesso em: 24 out. 2019.

YAGUELLO, M. *Alice au pays du langage*. Pour comprendre la linguistique, 1981.

ZOBERMAN, P. *Desire of the Analysts: Psychoanalysis and Cultural Criticism*, 2001.

WEBER, C. Les verbalisations ordinaires dans la classe: objets furtifs ou variables encombrantes des sciences du langage? *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1247>. Acesso em: 24 out. 2019.



Recebido em 10/09/2019. Aceito em 03/10/2019.